
HISTÓRIA EM QUADRINHOS (HQ) E ENSINO: UM NAMORO PROMISSOR

Maria Cristina de Moraes Taffarello¹

RESUMO: O principal objetivo deste artigo é analisar a linguagem dos quadrinhos e de alguns de seus gêneros de um ponto de vista linguístico-textual e discursivo que investiga a presença dos diferentes signos (verbais e visuais), o que os caracteriza como gêneros multimodais, no mecanismo que leva o leitor a produzir sentido dentro de um processo sociocognitivo interacional. A partir da análise, pretende-se estimular a confiança do uso de quadrinhos no ensino.

PALAVRAS-CHAVE: ensino; imagem; gênero multimodal; referenciação.

COMICS AND TEACHING: A PROMISING RELATIONSHIP

ABSTRACT: The main objective of this article is to analyze the language of comics and some of their genres from a discursive and text linguistics point of view which investigates the presence of different signs (verbal and visual) – what characterizes them as multimodal genres – in the mechanism that leads the reader to produce meaning within an interactional social cognitive process. This is intended to foster confidence in the use of comics in teaching.

KEYWORDS: teaching; image; multimodal genre; referenciation

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

¹ Doutora em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas (2001) e professora do Centro Universitário Padre Anchieta (UNIANCHIETA, Jundiaí, SP)

Estudiosos da linguagem alertam (VERGUEIRO e RAMOS, 2009; RAMOS, 2010) que a ocorrência de imagens, particularmente de charges e tiras, nas avaliações de vestibular (no da UNICAMP, desde 1990), a sua inclusão nos PCN (Parâmetros Curriculares Nacionais) e a distribuição de obras ao ensino fundamental (Programa Nacional Biblioteca na Escola, PNBE) levam gêneros desse tipo para a prática pedagógica do professor, apesar de vários preconceitos ainda. As provas do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) e até do ENADE (Exame Nacional de Empenho de Estudantes) aplicadas nos últimos anos, ao utilizar imagens em quase todas as áreas de ensino, corroboram a proposta de estabelecer diálogos entre a área da Linguística Textual e o ensino de Língua Portuguesa. Eis um exemplo de questão do ENEM 2009 (extraído do LC – 2º dia CADERNO 7 – AZUL – p.7):



BROWNE, C. Hagar, o horrível *Jornal O GLOBO*. Segundo Caderno. 20 fev. 2009

A linguagem da tirinha revela

- A. o uso de expressões linguísticas e vocabulário próprios de épocas antigas*
- B. o uso de expressões linguísticas inseridas no registro mais formal da língua*
- C. o caráter coloquial expresso pelo uso do tempo verbal no segundo quadrinho*
- D. o uso de um vocabulário específico para situações comunicativas de emergência*
- E. a intenção comunicativa dos personagens: a de estabelecer a hierarquia entre eles.*

(A resposta correta é a alternativa C, com ênfase na questão sociolinguística dos níveis de fala.)

Uma das metas desta breve reflexão é comentar alguns dos elementos da linguagem dos quadrinhos e de seus gêneros de um ponto de vista linguístico-textual e

discursivo que investiga a presença dos diferentes signos (verbais e visuais), o que os caracteriza como gêneros multimodais, no mecanismo que leva o leitor a produzir sentido dentro de um processo sociocognitivo interacional. Se tal meta for alcançada, pretende-se estimular a confiança do uso dos quadrinhos em sala de aula e, quem sabe, incentivar outras pesquisas.

Ramos (2007) tem defendido que o arcabouço metodológico da Linguística Textual pode ser aplicado também à leitura das imagens. Tal qual um texto verbal escrito, a imagem apresenta ao leitor um objeto-de-discurso, um elemento referencial ao qual o assunto se ancora e a partir do qual se dá a progressão referencial do texto. Das diferentes teorias do humor, extraem-se os elementos constituintes do texto humorístico, em especial o princípio da incongruência, que quebra a expectativa do leitor/ouvinte, gerando humor.

Com base nos conceitos que definem os gêneros em questão, particularmente a tira, como nas estratégias por eles utilizadas, objetivamos propor uma breve prática desse instrumental com vistas à sua aplicação ao ensino de língua, leitura e produção de textos.

Os PCN de Língua Portuguesa propõem que o conteúdo, tanto no ensino fundamental como no médio, seja transmitido por meio de gêneros de circulação social, incluindo a leitura de HQ. Consideram a noção de gênero de acordo com Bakhtin (2000 [1953] p.279), isto é, “tipos relativamente estáveis de enunciados” numa situação comunicativa para intermediar o processo de interação, marcados socio-histórica e ideologicamente. O formalista russo afirma ainda que as normatividades dos gêneros não impedem recombinações transgressoras que geram novos gêneros. Tais considerações serão fundamentais nas práticas de ensino do gênero tira cômica.

Embora as HQ já incorporem os textos didáticos escolares e sejam eleitas como preferidas em entrevistas realizadas com alunos do ensino fundamental, as seções a elas destinadas não lhes rendem o devido valor: “Só para ler”, “Divirta-se” ou “Texto suplementar” (MENDONÇA, p.203). Talvez isso se deva à sua relação com o entretenimento e o humor. Além disso, a crença de que “ler quadrinhos é muito fácil” é difundida até entre manuais de orientação pedagógica de professores, de modo a realçar a disparidade entre o que a escola oferece e o que os alunos demandam, além de afastar a atenção das investigações acadêmicas. Porém, como veremos, é inegável a

complexidade das estratégias de leitura de tal gênero, o que o nivela em importância com os demais gêneros previstos para o ensino.

Que tal um pouco de história: do gênero HQ às tiras?

Em 1894, surge o precursor do HQ: *Menino amarelo (Yellow Kid)*, primeiro herói dos quadrinhos, do norte-americano *Richard Outcault*, publicação semanal do *New York World* (texto escrito junto aos personagens e, depois, com balão). Na verdade, a origem de tal gênero era o *comic strip*, publicado em suplemento dominical: com histórias longas, em cores, engraçadas e, em geral, de conteúdo caricaturesco, tal gênero gera popularidade. Veja-se figura 1:



Figura 1

Em 1907, surge o *daily strip* (tira jornalística diária, em disposição horizontal). Como exemplo, temos o *Mutt and Jeff* de Bud Fischer. Veja-se figura 2:



Figura 2

Somente no séc. XX, as tiras eclodem como componente interno do jornal em consequência da explosão da imprensa norte-americana, com o endosso de interesses financeiros e de esferas comunicativas de sistemas ideológicos. Os jornais, as revistas, particularmente os gibis, e a internet são hoje *material-suporte* desse gênero. Aprofundar esse assunto nos renderia páginas e prazer, mas isso não vem ao caso no momento.

Quadrinhos: hipergênero de diferentes gêneros

Quadrinho é um *hipergênero* que agrega diferentes outros gêneros, que compartilham uma mesma linguagem em textos predominantemente *narrativos*: personagem em ação (recursos expressivos e de deslocamento, desenhos e fala em balões), tempo, espaço, cor e onomatopeia (RAMOS, 2010). Dentro da caracterização de quadrinho (ou vinheta), agrupam-se cenários, personagens, fragmentos de espaço e tempo dentro de um conjunto de linhas, formando retângulo, quadrado, esfera ou outro formato. Nesse espaço, cria-se uma “síntese coerente e representativa da realidade” (FRESNAULT - DERUELLE, 1972, p.19).

Em muitos casos, o rótulo, o formato, o suporte e o veículo de publicação constituem elementos que agregam informações ao leitor, de modo a orientar a percepção do gênero em questão. Além disso, os quadrinhos ou *comics* constituem uma linguagem autônoma, embora esta dialogue com elementos de outras linguagens (ilustração, caricatura, pintura, fotografia, narrativa, teatro, cinema etc.).

A tendência nos quadrinhos é a de uso de imagens desenhadas, mas ocorrem casos de utilização de fotografias para compor as histórias, que podem ter personagens fixos ou não. O personagem, por sua vez, se concretiza por meio de recursos estáticos de expressividade (rosto, sinais gráficos, gesto e postura) ou de recursos de deslocamento: do todo do corpo em relação às partes (cabeça, olhos, mão etc.), pelo uso de linhas cinéticas; do corpo: sua repetição ou vários contornos. Em relação ao “estilo” (CAGNIN, 1975), os desenhos dos personagens podem apresentar diferentes graus de realismo, estilizados ou caricatos, em geral estereotipados (com valor ideológico e estético).

Enfatizamos que é comum haver uma confusão terminológica entre os gêneros de HQ, bastando observar um deles, a tira, chamada tira cômica, tira em quadrinhos, tira de quadrinhos, tirinha, tira de jornal, tira diária, tira jornalística. Há ainda confusão entre os próprios gêneros de HQ: cartuns, charges, tiras cômicas, tiras cômicas seriadas, tiras seriadas.

Como evitar essa confusão? Caracterizando melhor cada gênero, inclusive para ajudar na elaboração de práticas pedagógicas. Deter-nos-emos, neste estudo, nas tiras. Reproduzimos alguns exemplos extraídos de Ramos (2010), mantendo sua enumeração, mas sequenciando a nossa:

Tiras cômicas (tira-piada). Veja-se figura 3:



Figura 1.4 – Narrativa de *Garfield* provoca desfecho inesperado, característica do gênero tira cômica.

Tiras seriadas (de aventuras). Vejam-se figuras 4 e 5:



Figura 1.5 – Tira seriada de *Dick Tracy*, de 29 de julho de 1952.

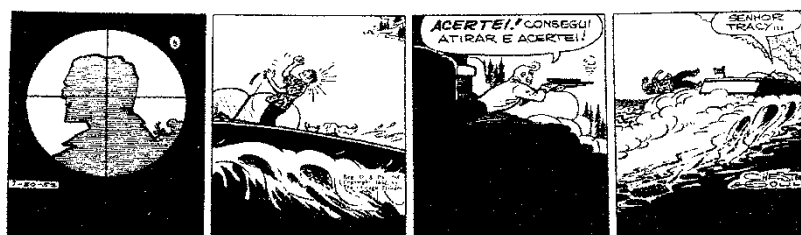


Figura 1.6 – Tira seriada de *Dick Tracy*, de 30 de julho de 1952.

A cena da segunda tira dá sequência à ação iniciada no dia anterior, que se trata de um tiro no protagonista. E a expectativa fica, portanto, para o próximo capítulo, do dia seguinte. Ainda é comum esse gênero nos Estados Unidos, mas quase inexistente no Brasil.

Tiras cômicas seriadas. Vejam-se figuras 6 e 7:



Figura 1.8 – O detetive *Ed Mort* em uma de suas investigações.



Figura 1.9 – *Ed Mort*. tira continua do ponto onde parou no dia anterior.

A tira cômica seriada fica na fronteira que separa a tira cômica da seriada, nos explica ainda Ramos (2010): ela apresenta um desfecho inesperado da narrativa, provocador do humor, mas se apresenta em capítulos.

Como ler tiras cômicas, subtipo de HQ?

De acordo com Ramos (2007, p.26), o modelo de leitura de tiras passa pelas seguintes etapas:

- contextualização da tira: reconhecimento do gênero e a criação de uma série de expectativas genéricas (história curta de humor, desfecho inesperado, quem são os personagens, qual o eventual tema da tira);
- leitura dos quadrinhos da esquerda para a direita (em geral, formato horizontal);
- leitura individual da(s) vinheta(s) (entre uma e quatro);

- definição e descrição do(s) *objeto(s)-de-discurso* presente(s) no quadrinho: *visuais* (signo icônico - analogia com o real; signo plástico - cor, textura, formas; de contorno - linha dos balões, por ex.); *verbais*: expressividade das letras; *verbais e visuais*;
- articulação do(s) objeto(s) com os demais signos presentes: visuais com visuais, visuais com verbais, verbais com verbais; a tira pode ocorrer sem signos verbais escritos: estabelece-se então uma relação entre figura e fundo;
- leitura do quadrinho seguinte e retomada coesiva (ou não) do(s) *objeto(s)-de-discurso*; a mudança de vinheta vai gerar cotejo e comparação entre a informação dada (do quadrinho anterior) com outra nova (quadrinho lido) e vai acarretar um fragmento de ação, inferido pelo leitor, características que serão o motor da narrativa da tira;
- o desfecho inesperado é provocado por alguma estratégia textual a ser evidenciada (o desfecho é articulado numa só vinheta, quando a tira apresenta apenas um quadrinho).
- explicação verbal das etapas importantes para a compreensão do texto (a presença deste ou daquele termo teórico vai depender do texto analisado).

Exemplo 1: breve análise da articulação entre os signos



Figura 10.4 – Ócios do ofício

Contexto: imagem da tira cômica “Ócios do ofício” de Gilmar; título: trocadilho que sintetiza o tema universo do trabalho; inferências e conhecimento prévio da leitura: cena de bombeiros;

Leitura: 1ª vinheta: personagens com expressões faciais tensas, fala dos balões, gotas e exclamações e cenário conduzem ao significado: “bombeiros em desespero seguram rede de salvamento de incêndio”;

Dupla articulação do signo icônico, isto é, em relação a outros signos e com ele mesmo: um bombeiro em relação narrativa com o outro, mas a boca de cada um se articula com o todo do corpo;

Processos de articulação dos signos icônicos: figura (bombeiros com rede) em relação ao fundo (parede e destroços); personagens com o leitor (que os observa ou não); entre um dado (percebido à esquerda) e um novo (o da direita);

Leitor, familiarizado com a leitura do gênero tira, efetua uma leitura linear;

2º vinheta: desfecho da narrativa, sequência da tira que dá coerência ao conjunto do texto por meio de informações novas e “antigas”, isto é, os mesmos signos icônicos e plásticos e novo ângulo de visão, de baixo para cima, evidenciam o que eram inferências: incêndio em prédio; além disso, a presença de um terceiro homem: boca aberta e metáforas visuais em volta da cabeça enfatizam sua fala, resposta à fala anterior dos bombeiros: “Pula!”. Isso leva à quebra de expectativa, geradora de humor (como uma piada): o homem tem mais medo da ameaça de “morte” do chefe do que de morrer queimado.

Como no texto verbal escrito, “[...] a articulação entre o antes e o depois é que dá o rumo à narrativa da tira com mais de uma vinheta e que gera a coerência do texto após sua leitura completa” (RAMOS, 2007, p.10). Seguem exemplos do autor.

Exemplo 2: o processo coesivo dos objetos-de-discurso visuais



Figura 10.7 – Cebolinha

Contexto: necessário conhecimento do gênero tira; o título *Cebolinha*, personagem fixo de Maurício de Sousa, exige do leitor os conhecimentos prévios de suas características icônicas e de sua fala, que troca o fonema /r/ pelo /l/;

Leitura: de quadrinho a quadrinho, na busca da figura central oposta ao fundo: texto instaura objetos-de-discurso por meio de referência e inferências (princípios teóricos da Teoria do Texto):

- 1º quadro: o signo icônico principal *Cebolinha* é o objeto-de-discurso visual instaurado no texto, com espaço determinado: caminha sobre uma calçada após ter comprado, em uma loja de artigos impermeáveis, um presente que segura nas mãos;

- 2º quadro: informação nova em relação ao anterior (informação dada): objeto-de-discurso retomado anaforicamente, mas muda a feição do rosto (preocupação); também se altera o fundo (gotas de chuva) e se indefine o espaço (coloração rosa);

- 3º quadro: expectativa do desfecho humorístico exige maior inferência na retomada anafórica. Espaço muda (calçada rosa e muro amarelo), assim como os signos icônicos e plásticos da roupa do personagem: Cebolinha, caminhando pela calçada, veste agora uma capa de chuva (sugerindo que fora comprada na loja do 1º quadro) que seria dada a Cascão (conhecimento retomado da fala do 1º quadro). O leitor, por meio de mais conhecimentos prévios, sabe que este recebe tal nome por não gostar de água, ou melhor, de banho. O desfecho inesperado de humor ocorre por Cebolinha ter usado nele mesmo o presente do amigo.

Como observado, muitas tiras exigem trabalhosas estratégias de leitura e alto grau de conhecimento prévio. Embora a brevidade e a parcimônia das análises, buscamos demonstrar que o arcabouço metodológico da Linguística Textual é aplicável também à leitura das imagens e que estas apresentam ao leitor um objeto-de-discurso, elemento referencial no qual o assunto se ancora e a partir do qual se dá a progressão referencial do texto. Cagnin (1975, p.159) afirma: “A articulação entre duas ou mais unidades-quadrinho tira a imagem do seu estatuto analógico, da representação pura e simples do objeto e a transforma num elemento de discurso.”

Exemplo 3: as tiras cômicas na prática pedagógica



Fonte: Jornal do Commercio, 03/05/2000, Caderno C, p. 4. (Recife/PE)

A partir desse exemplo emprestado de Mendonça (2002, p.204), segue sugestão de atividades de *leitura*, adaptáveis evidentemente aos diferentes percursos e objetivos de ensino:

- Apresentar aos alunos apenas os dois primeiros quadros e explorar, em termos de levantamento de expectativas, o que viria nos últimos (exige conhecimento do tópico e do personagem: *Calvin* não é criança-padrão e tem juízos precoces sobre o mundo);
- Indagar sobre as razões da última fala, se é inesperada e/ou engraçada e por qual motivo;
- Atentar para o uso de registro formal por um garoto de apenas 4 anos como efeito de humor (questões de variação linguística).

E como atividade de *produção*, associada a diferentes áreas, assunto e fases escolares, a sugestão de estimular a criação de HQ, incluindo tiras (narração envolvente associando desenho e texto verbal).

Na questão da *transposição de gêneros*, ficam as propostas:

- das tiras para o conto ou a crônica: na relação entre fala/escrita e demais semioses, desenvolver a habilidade de dosar contextualização, implicitude e explicitude das informações;
- de entrevista orientada, gravada na escola ou fora dela, reproduzir a escrita por etapas: fiel à fala; adaptada ao discurso direto; na forma de balões etc.
- elaborar a quadrinização de textos específicos para públicos diferentes (crianças, adolescentes, adultos, pessoas mais ou menos letradas etc.);
- texto expositivo ou didático de outras disciplinas (Sociologia, Matemática, Geografia, História e Biologia, por exemplo) pode ser quadrinizado;
- inversamente, livros do PNBE – *A turma do Xaxado*, por exemplo - usam tiras para explorar temas mais áridos, como emprego, papel do idoso, seca, perfil do livro didático etc., aproveitáveis em diferentes disciplinas (VERGUEIRO e RAMOS, 2009, p.208).

Exemplo 4: quadrinhos na educação:Fig. 18 – Tira de *A Turma do Xaxado* discute perfil de livros didáticos**CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Embora ainda haja muito a ser investigado, apoiamos os teóricos que se propõem a estudar também o texto multimodal, em particular os gêneros de HQ, a partir dos pressupostos da Linguística Textual. Cada vez mais se exige a capacidade de leitura de imagem não só dos alunos, como também dos professores do ensino fundamental, médio e até superior, a fim de bem exercê-la nas salas de aula. A Linguística Textual, nesse caso, tem muito a contribuir, como constatamos, mesmo que sucintamente.

Acreditamos que HQ e ensino podem passar do simples flerte a um namoro bem sucedido. No caso do uso das tiras cômicas nos livros didáticos, some-se a isso o inevitável prazer de lê-las...

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M. [1953] Os gêneros do discurso. In: *Estética da criação verbal*. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p.277-326.
- CAGNIN, A. L. *Os quadrinhos*. São Paulo: Ática, 1975.
- FRESNAULT-DERUELLE, P. *La bande dessinée*. Paris: Hachette, 1972.
- MENDONÇA, M. R. de S., Um gênero quadro a quadro. In: DIONÍSIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). *Gêneros textuais & ensino*. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. P.194-207.
- RAMOS, P. Lendo tiras. In: *Tiras cômicas e piadas: duas leituras, um efeito de humor*. São Paulo, 2007. 424 f. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de São Paulo. Parte 3, 106 f.

_____. *A leitura dos quadrinhos*. São Paulo: Contexto, 2010.

VERGUEIRO, W.; RAMOS, P. (Orgs.) *Quadrinhos na educação: da rejeição à prática*. São Paulo: Contexto, 2009.